Joaquina, que a repeliu com desassombrada independencia.

Inutilisada deste modo a base principal de quantos aleives alvejam e enodoam a memoria de D. Carlota Joaquina, que resta mais, com subsistencia, a alimentar o juizo corrente a seu respeito?

Accusações dispersas, alguns planfletos dos emigrados liberaes, em cujo numero se destaca o infamissimo *Dom Miguel*, de Barreto Feio, estampado em Paris em 1830, como sendo dum «portugais de distinction». Detalhemos, porém, um pouco para melhor nos justificarmos. Imputa-se a D. Carlota Joaquina, além do seu porte irregular, a continuada ambição que a levou a atormentar a existencia já de si amargurada de D. João VI. E' frequente pôrem-n'a á frente da conspiração que em 1805, durante a doença mental de seu marido, procurou força-la a abandonar a regencia. Será duvida que occorrencias anormaes se produziram então. D. João VI caiu numa grave depressão nervosa, em que se via já repetida a loucura de Rainha-Mãe. Aproveita o ensejo o *partido-franchia* que manobrava na sombra para affirmar as suas posições. E' bom recordar que, segundo o testemunho de José Maria Xavier de Araujo nas suas *Reflexões e Memorias*, foi por essa altura que politicamente a Maçonaria deu o seus primeiros sinaes de vida.

Entre os conjurados destaca-se o marquês de Alorna e mais outros fidalgos, que mais tarde abraçariam o serviço de Napoleão. No fundo quem esperava era o representante de Bonapart em Madrid, Beurnonville, cujo plano consistia em «fazer passar o governo de Portugal ás mãos do principe da Paz, entrando no jogo o rei de Espanha na qualidade de tutor natural do seu neto, o Principe da Beira, uma vez repelida Dona Carlota pelo país como indigna da regencia».

Mas se taes intenções inspiravamo mando secreto da cabala, nós podem o asseverar que, querida pelo país, nunca D. Carlota Joaquina seria esbulhada da regencia e que a sua intervenção na lamentavel intriga se limitou a reclamar para si um direito de que não abdicava. Conta algures Antonio Ribeiro Saraiva:

—«Foi o caso que, indo eu, uma tarde, creio que no verão de 1824, com meu Pai ás Picôas, visitar o Principal Freire, que como sabem os que o conhecessem era homem franco e decidido em seu fallar, veio na conversação o mencionar-se o facto... de achar-se a Imperatriz e Rainha como presa em Queluz, em resultado das intrigas e calumias da mesma gente que preparava a Portugal a usurpação de D. Pedro, depois da morte de seu pai... Por tal ocasião disse-nos o Principal:—

«A Rainha tem sido muito injusta e falsamente accusada de tirar o governo a seu Marido. Isso já vem de longe, pois, quando D. João VI, ainda Principe Regente, esteve doente, de sorte que se receou muito perdesse o juizo, como a Rainha sua mãi, e se tratava de ver quem o havia de substituir na regencia, desejava certo partido e procurava fazer, que em tal caso, fosse a Princesa Viuva, D. Maria Benedicta, tia do Principe Regente, e se excluisse da mesma Regencia a Princesa D. Carlota, a quem, no impedimento do Principe seu marido, competia substituil-o no governo do Reino. Pois, apesar de tal estuche, Dona Carlota não fez mais que mandar prudente e confidencialmente apalpar e tentear, se vindo a dar-se com effeito o caso da alienação mental do Principe, Ella seria apoiada em sua legitima prerogativa de exercer por elle a regencia durante o impedimento do Marido. Poucas mulheres, em tal posição e circumstancias, se haveriam portado com a mesma prudencia e moderação.»

São assim os periodos historicos em que os partidos se degladiam e se enlameiam uns aos outros. Pela transcripção de Ribeiro Saraiva nós vemos como as responsabilidades de D. Carlota Joaquina na conspiração de 1805 se transigeram, assumindo um aspecto claro de legalidade. Não pretendemos com isso filha-la de tanto passo precipitado na revolta da sua subalternidade, que não se resignava ao exercicio modesto das virtudes domésticas. D. Carlota Joaquina, fixada com mestria psicologica no retrato moral que dela nos traça Oliveira Lima, é bem o tipo moral dos deslocados ou dos inadaptados. Não tardará que consideremos a pertinacia admiravel da sua ambição e mesmo a agudeza do seu genio politico. Incarnação desencontrada de uma epoca antagonica nas suas tendencias, D. Carlota Joaquina trouxe para a sua existencia de rainha os defeitos de educação libertina dos finais do seculo XVIII, que as influencias do espirito solto do Imperio agravariam. O resultado colheram-no os seus inimigos, pintando-a como uma dissoluta, esgalgada e feia, a que a não bastava a insatisfação dum temperamento tão abundante como vicioso.

Devagar, no entanto. E seja para restituir á verdade das suas linhas historicas o caracter notavel duma mulher de raça, que, no desabar inglorio da sociedade antiga, soube defender até a morte com nobilissima intransigencia os direitos pisados da Realeza na agonia.

Antonio Sardinha

Exposição de Arte

Um grupo de artistas constituido por Alves Cardoso, Columbano, Constantino Fernandes, Roque Gameiro, Oliveira Lopes, José Malhôa, Costa Mota (Tio) Sousa Pinto, Veloso Salgado, Francisco dos Santos e João Vaz realisa no presente mez uma exposição de pintura e escultura no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Essa exposição é orientada pelo seguinte intuito: Representar cada artista separadamente por trabalhos, embora de diferentes epocas, escolhidos segundo o criterio de cada um, no sentido demonstrativo da sua personalidade artistica.

Livros novos

Cartas sem destino, escritas por Alfredo Pimenta, 1 vol. cart. 500.

O inglez come cial, elementos de tradução, leitura e pronuncia, por Ladislau Batalha, 1 vol. cart. 600.

Parceria A. M. Pereira-Livraria Editora

Rua Augusta, 44 e 54

BRINDES

Da conceituada Empreza Grafica *A Universal* recebemos um primoroso calendario-brinde para o corrente ano.

Muitof agradecimentos e os nossos desejos de prospera vida.

O homem de Newala

O general sr. Ferreira Gil publica hoje na *Republica*, em sua defeza e na dos oficiaes que, sob o seu comando fizeram a campanha de Africa, uma extensa carta, que é a condensação formal do sr. Antonio José de Almeida e do governo de então. Tempo perdido foi aquela defeza de pagina e meia em que o chefe evolucionista tentou lançar poeira nos olhos o país que, perante o relatorio do comandante da expedição, o começou encarando como o responsavel por tanto sangue vertido em terras da Africa: a carta do sr. general, de que extratamos a parte principal, é concludente. O sr. Antonio José, após a sua publicação, aparece-nos como um forçado com o seu crime de lesa-patria marcado a fogo sobre o peito.

Eis o que diz o sr. general Ferreira Gil:

«Diz s. ex.ª que partiu para as inospitas regiões africanas, comandando um corpo expedicionario que me satisfazia duma maneira absoluta. Foi realmente organizada a exp dição com toda a competencia pelo meu antecessor, que é um dos mais brilhantes e distintos profissionais da nossa terra, e conformei-me com a sua constituição e composição numerica, contando, é claro, que todos os seus componentes estivessem a tempo e a horas no teatro da guerra e que me fossem fornecidas unidades indigenas suficientes, e que a expedição de 1915 estivesse em estado de com ela colaborar. Contava ainda que forças, aprestes guerreiros e meios de transporte chegassem ao campo de operações o mais rapidamente possivel, de modo a poder agir antes de as tropas serem dizimadas pela malaria e peles disenterias, e o gado pelo tzé-tzé,

O estado lastimoso em que se encontrava o contingente de 1915 ninguem o ignora, circunstancia que determinou o imediato repatriamento de quasi todos os seus componentes, e a expedição de 1916 quando se avisinhou o periodo das chuvas, exausta se encontrava tambem, como tantas vezes fiz vêr ao governo.

Antes mesmo de partir, declarei num documento oficial, que não podia caminhar sem transportes mecanicos, sem gado e sem a suficiente dotação de munições.

Desta forma o facto de eu ter concordado com a organica da expedição, não quer de modo alguem dizer que viesse a reconhecer que eram suficientes as forças e o material de que na realidade pude dispôr.

Diz mais que avancei quando quiz e quando entendi, que tinha todos os elementos indispensaveis, apesar das reiteradas instancias e intimações do governo para que me internasse na colonia alemã, e pretendia lançar a mim só a responsabilidade da ofensiva e da retirada de Newala.

E procede-se assim sendo certo que até deixei de extratar no meu relatorio o seguinte telegrama, o mais imperioso e categorico, que recebi em Palma, e que me foi enviado por intermedio do Governador Geral de Moçambique, no qual o ministro interino das colonias dizia:

O governo, concordando com as indicações do Governador Geral, entende que V. deve dirigi as suas forças ao encontro do inimigo e em direcção de Matrenge, combinando com o almirante ou comandante das forças inglesas em Mikindani as necessarias disposições para ficarem facilitados os abastecimentos das nossas forças. Não deve V. demorar nesse sentido a sua acção, sejam quais forem as dificuldades. O governo toma a responsabilidade de affirmar a V. que neste momento preferivel é afrontar batalha dificil e perigosa do que ficar parado. Confiamos cheguem rapidamente informações favoraveis.

Dias antes havia recebido um outro despacho do sr. ministro da guerra, a que nem sequer me refiro no relatorio, **dizendo-me que devia avançar, em marchas forçadas, na direcção do inimigo fosse como fosse.**

Ora se depois de tão reiteradas e imperiosas determinações não iniciasse a ofensiva, como seria classificado o meu procedimento e da expedição que comandava pela imprensa do País, que já me acusava *de haver perdido a fala*, e pelo proprio governo que insistentemente me ordenava que avançasse?

Considerar-me iam um criminoso e um cobarde. Não tenho a menor duvida de que assim seria.

Tambem lamenta, louvando-se nas declarações de um tenente de engenharia, que a coluna de reforço de Newala fôsse mal equipada e municiada, de modo a não conseguir romper a cerco do inimigo. Mandei o que tinha, aquilo de que podia dispôr, e se a essa coluna faltava o necessario poder ofensivo era porque alem de numericamente fraca, como declarei se compunha na quasi totalidade de convalescentes saidos dos hospitaes, mal feridos pelos estragos do clima mortifero ou zona tropical.

Não dispunha de tropas frescas apezar de insistentemente ter pedido reforços, que, se me tivessem sido mandados, como s. ex.ª declara, me dariam meios de poder evitar a retirada.

O governo não enviou esses reforços : primeiro porque me declarou que os julgava desnecessarios e segundo porque imaginava que já não chegariam a tempo, por a guerra ter terminado.»

Coliseu dos Recreios

O Coliseu apresenta esta noite um programa cinematografico de grande sensação: estreia-se a quarta aventura de «Ultus», inititulada «A pista de Lester», fita muito movimentada e de grande successo.

Nela o famoso Ultus começa a perseguição ao cumplice que o train, empregando para isso extraordinarios e complicados «trucs».

Palmyra Callixto

Tratamento de senhoras e creanças

Massagem medica manual e electrica Gymnastica medica e sueca. Tratamento da pelle e cabellos. Manucure.

Calçadado Sacramento, 97, 2.º

TELEPHONE 4.55

Belas-Artes

Inaugura-se amanhã a 4.ª exposição de Pintura a oleo, do distinto artista e nosso camarada no jornalismo, sr. Higino de Mendonça.

Esta exposição deve ser, como as anteriores, muito concorrida e apreciada, e esta mais do que as outras porque sabendo-se que a Sociedade Nacional de Belas Artes recusou ao sr. Higiao de Mendonça uma das suas salas, ha de haver certa curiosidade em ver os quadros deste artista que apresentando-se sempre modestamente, mostra no entanto desejos de aceitar e progredir.

Higino Mendonça conta hoje com muitos amigos e admiradores, e a sua exposição que se inaugura amanhã no seu atelier na Rua da Senhora do Monte, á Graça, n.º 30, deve certamente ser mais um passo seguro para o bom apreço em que já é tido e nome que vai conquistando á custa do seu proprio esforço.

Perfumaria Balsemão

241 RUA DOS RETROZEIROS 241

TELEPHONE N.º 777—LISBOA

O Natal na guerra

Do nosso querido amigo Rev. Avelino de Figueiredo, mui digno e ilustre capelão do Corpo Expedicionario Portuguez, recebemos uma longa carta em que nos fala da vida dos nossos soldados e do que foi ali o dia do Natal, celebrado na zona de guerra como nas retaguardas. Sempre bemvindas para nós as noticias do nosso querido amigo, que pela causa monarquica tanto se tem sacrificado, fiel cumpridor dos seus deveres de sacerdote e de português, transmitimo-las aos nossos leitores, certos que sentirão, como nós, intima satisfação. Eis algumas passagens da carta do nosso querido amigo:

Em Campanha, 26-12-917.

Meu prezado amigo:

No meio da neve, gelo e frio não me tenho sentido peor. Só estava triste, porque estes factores impassibilitam-me de percorrer a area de 7.000 homens, que espiritualmente me estão confiados.

Não era a causa a consciencia de negligencia no serviço, e não receio dizer-lhe, que ninguem me tem excedido; mas as grandes distancias, que tenho a percorrer não me permitem andar sobre *neve-gelada*, porque o cavalo ou a bicicleta escorregam-me. Mesmo a pé tenho de patinar para não cair.

O frio na casa, onde estou escrevendo, que tem o fogão aceso está a 5 graus positivos!... Lá fora regula por 10 negativos. A neve tem acossado os lebres e as perdizes, que os soldados caçam a pau. Ontem os soldados do 12 apanharam 8 lebres e 2 perdizes.

Hoje apenas cairam 2 grandes lebres.

Desejo a V. *boas-festas* e ao nosso querido amigo sr. Conde de Monsaraz, a quem fará o favor de apresentar os protestos da minha muita estima.

Tive a *missa do gallo* cantada por soldados e senhoras francesas, dita num *chateau* do «front». No dia imediato a *Festa da Arvore de Natal* para os orfãos da guerra. Foram contemoladas 200 creanças com bolos, bonecos, apitos, guisos, roupas de flanela etc. Estava todo o elemento oficial e presidia o comandante Reis e Silva, autor da ideia.

Um grande abraço do seu muito amigo

P. Avelino de Figueiredo.

Transportes maritimos

Sobre este palpitante assunto que temos tratado, recebemos uma carta do sr. Alfredo Torres que põe a claro algumas coisas escuras que na commissão dos transportes maritimos os democraticos praticavam.

Publica-la-hemos ámanhã.

O Credito Predial realiza, além dos emprestimos hipotecarios em dinheiro, em Lisboa e Porto, a 5 1/2 0/0 e nas outras terras do País a 6 0/0, incluida a comissão, emprestimos em conta-corrente, respectivamente a 5 0/0 e 5 1/2 0/0.

Restos da intentona

Buscas domiciliarias nos bairros da Esperança e da Madragôa

Hoje de madrugada, forças de infantaria 1, 2 e cavalaria 7, bem como grande numero de policias, entre os quais se contavam muitos agentes de investigação, dirigiram-se para o largo da Esperança, onde organisaram um rigoroso cêrco, destacando vedetas para a Avenida de D. Carlos, Conde Barão, Poço Novo e rua de S. Bento, impedindo a circulação ou passagem de qualquer pessoa, mesmo dos moradores do sitio.

O aparato de forças áquela hora sobresaltou a gente do sitio que julgou tratar-se duma nova revolução, mas esse sobresalto desappareceu quando ao amanhecer, conforme determina a lei, se começou a fazer uma rigorosa busca nos predios do bairro, evidentemente devido a denuncia feita ás auctoridades.

Essas buscas proseguiram até á Madragôa, negando-se os agentes das auctoridades a dar quaisquer esclarecimentos aos «reporters» sobre a diligencia a que se está procedendo, a qual continuava ás 2 horas da tarde.

Teem sido apreendidas espingardas, pistolas e segundo consta, tambem algumas bombas.

Até aquela hora tinha-se feito apenas a prisão de um individuo que andava munido duma pistola sem a licença de porte de arma.

Da sociedade militar preparatoria n.º 2, instalada em rua do Guarda-Mór, foram, numa carroça, para o governo civil, três espingardas, sendo uma delas Mauser, três pistolas antigas, alguns floretes, atro caixas de ruf o e uns outros tantos clarins pertencentes áquela sociedade.

—Do governo civil seguiram hoje para o forte do Alto do Duque 4 marinheiros e um sargento da armada que foram presos no Chiado.

—Como implicados no movimento, vieram de Oeiras para o governo civil, sob prisão, os conhecidos «formigas» daquela vila Antonio Afonso, João Luis Matos, Miguel Diniz da Silva e Julio Canas Pereira.

—No governo civil continua a notar-se grande movimento.

O director da policia de investigação, sr. major Bruno do Carmo, não tem arredado pé do seu gabinete, onde tem interrogado varios presos.

—Foi nomeado chefe do gabinete da presidencia do ministerio, o 1.º tenente de marinha, sr. Aragão e Melo.

—O contra-almirante, sr. Pedro Bergué, começa ámanhã as suas inquirições a respeito dos ultimos acontecimentos na Armada.

—Não tem fundamento algum a noticia de haver mandados de captura, para o capitão de fragata Afonso de Cerqueira

Prisão do assassino Armando de Azevedo

Constou ontem, por telegrama, que o celebrisado «formiga», Armando de Azevedo, casado do assassinato do professor Guelfão, foi preso em Madrid a pedido do governo português, encontrando-se no «Carcel Modelo».

Ainda hoje foram encetadas diligencias relativas á sua extradição.

Nunes & Nunes, Suc.

Cambios, papeis de credito «coupons» e cheques sobre o estrangeiro

95--R. do Ouro--97

Jornadas e Salões

ANIVERSARIOS

Fazem ámanhã anos as senhoras :

D. Mariana Fassio.
D. Maria Antonia Forjaz.
D. Mariana do Vale Colaço.
D. Albertina Elisa Lobo de Miranda.
D. Filomena de Lima Espregueira.
D. Leopoldina Emma Guedes Teixeira.
D. Maria do Sacramento Daun e Lorena.
D. Maria Carolina Ferreira de Castilho.
D. Maria Helena de Oliveira e Silva.

E os srs.:

Marquez de Chaves.
Conde de Penha Garcia.
D. Antonio de Castello Branco.
Hygino de Mendonça.
Polycarpo José da Costa Lima.
Frederico W. Sellers.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pela sr.ª D. Maria Adelaide de Sousa d'Almeida, foi pedida em casamento para seu filho, o engenheiro agronomo, sr. Eduardo de Sousa de Almeida, a sr.ª D. Maria Regina Telo Colaço de Macedo, gentilissima filha da sr.ª D. Magdalena Telo de Magalhães Colaço de Macedo e do sr. Antonio Rodrigues de Macedo, já falecido.

O enlace realiza-se brevemente.

MATINE'E DE ARTE

No Olimpia

E' ámanhã que no Olimpia se realisa a mais sensacional de todas as «matinées» de arte que a empreza tem organizado.

Alem de um explendido programa de concerto em que figuram sóios pelos finissimos artistas do sexteto deste salão Nicolino Milano e João Passos, tomam parte o distincto actor Joaquim Costa que fará scenas da revista «Capote e Lenço», sendo coadjuvado nestes numeros pelo novel actor Erico Braga, e dirá alguns versos escriptos expressamente para esta festa.

A procura de bilhetes para a «matinée» de ámanhã tem sido enorme devendo portanto resultar brilhantissima.

RECITAL DE LIEDER

Foi adiado para a proxima segunda-feira o recital que estava marcado para esta noite e que devia realizar-se no salão nobre da Liga Naval.

Como noticiamos o produto desta festa reverte a favor das madrinhas de guerra.

RECITA DE HOMENAGEM

De ano para ano as festas que a empresa do teatro do Ginasio oferece aos seus reclamistas mundanos são mais concorridas e elegantes.

Ontem a linda sala de espectaculos tinha um aspecto verdadeiramente de gala enchendo-se por completo em todos os logares e reunindo ali as principais familias da nossa primeira sociedade.

Representou-se a fina comedia «O afilhado da madrinha» cedida gentilmente pelo seu traductor o nosso ilustre colega sr. Jorge de Abreu e á qual a explendida companhia Maria Matos & Mendonça de Carvalho deram uma interpretação digna de todos os aplausos.

JANTAR

O sr. dr. D. Tomás de Melo Breyner (Mafra), ofereceram ontem no seu lindo palacete á rua de S. João dos Bemcasados, um jantar em honra do General Gomes da Costa a que assistiram a familia do ilustre militar, os filhos da casa, sua nora a senhora D. Maria Placido de Melo Breyner e seu genro o sr. Eduardo Valdez Pinto da Cunha.

DE JORNADA

Encontra-se em Lisboa o sr. conde de Castelo de Paiva.

—E' esperado brevemente em Lisboa, o sr. dr. Francisco de Assis Teixeira Magalhães e Menezes (Felgueiras).

Pitta & C.ª — Camiseiros — Artigos de novidade

195—RUA AUGUSTA, 197—Telef. 58

Revista dos livros e da imprensa

LIVROS

«João Pateta», conto popular com ilustrações de D. Alice Rey Colaço.

As crianças portuguesas tiveram neste Natal um precioso presente para a inteligencia e para os olhos, lição e encanto que a sr.ª D. Alice Rey Colaço (da linhagem nobre dos Colaços) lhes offereceu nas paginas ilustradas de um conto popular, recolhido pelo professor Adolfo Coelho.

A escassa literatura infantil que até agora temos tido, denuncia tristemente a atenção prestada a este fundamental aspecto da educação escolar e domestica no nosso país. Pouco mais a registar do que os livros de Afonso Lopes Vieira, ilustrados pelo arquitecto Raul Lino e musicados pelo professor Tomás Borba.

O resto, ou feira de mau gosto artistico e literario, ou encomendas de alfuria maçonico-democratica, com as efigies dos caudilhos a esmodoar horrendamente as páginas do texto.

Este conto do *João Pateta* pertence, em mitografia, ás narrações de caracter *enumerativo*, isto é, consiste numa successão de episodios, variaveis com as versões, em que a *plasticce* se revela e demonstra com evidencia, levando ao espirito da criança a lição pelo contraste.

Valoriza-o até á opulencia o lapis da sr.ª D. Alice Rey Colaço que neste trabalho alcança uma singular reputação de ilustradora, pois que o conto, em si, não é dos mais proveitosos no ponto de vista educativo.

Assim, traduzido nos pequenos quadros que na visão da artista fixam os dominantes episodios, *João Pateta* fica sendo um grande monumento em mãos de crianças de hoje, e, o que é infinitamente mais uma recordação, contente de riso, para os homens feitos, do dia de ámanhã. Simplicidade no processo, justo relevo nos elementos decorativos, movimento, graça —assim é a nova afirmação do talento desta senhora ilustre, em cuja voz de elegia todos tem ouvido passar brandos cantares portugueses e a pastoral saudosa da canção de Mofina Mendes.

O meu voto é que o seu esforço, que ha de vir a ser bem compreendido, não descance mais. Cada titulo do nosso *Romanceiro*, por exemplo, é uma tentação, e a galantaria fidalga de Garrett ha de sorrir amavelmente por dar o braço neste mundo a tão portuguesa e gentil colaboradora...

H. R.

JORNAES PORTUGUEZES

Do *Diario Nacional* de 16 de dezembro de 1917:

Um livro

O livro a que me vou referir, é que foi meu companheiro durante os dias de revolução, é o *Outro Mundo*, publicado ultimamente por Hipolito Raposo; e vou referir-me a ele, não como critico do *Diario Nacional*, mas apenas como testemunho de apreço pessoal, traduzido em meia duzia de linhas, como quem felicita num abraço, a correr, sem afectação nem pose, um camarada que muito se aprecia.

Para mim, Hipolito Raposo, que pertence á geração dos novos—que pertence á minha geração—tem, acima de todas as outras, esta qualidade: possue talento sem impostura. E, só quem conhece o meio e os homens que nele imprimem a feição chamada intelectual, pode compreender como merece ser apreciado semelhante predicado, que raras vezes se topa por essas esquinas onde se pavoneiam certos catalogos ambulantes que passam a vida a chocar vaidade e a distilar impertinencia.

Habituei-me a lêr ao auctor do *Outro Mundo*, nos seus artigos-cronicas do *Diario de Noticias*, onde, segundo creio, começou a escrever para o publico.

E já então a sua pena era rica de fórma literaria e de brilho descritivo—encantando pela pureza da linguagem e prendendo pelo colorido das imagens.

Hoje, essa face do valor de Hipolito Raposo encontra-se ainda mais vincada, mais nitida, mais acentuada, como se nota em todas as paginas deste seu ultimo trabalho, onde, a meu vêr, se destacam duas telas preciosas, entre todas as outras magnificas: *O Rei Vamba* e os *Funeraes de Viriato*.

Estes dois capitulos do *Outro Mundo* são quadros da melhor literatura, impondo-se o primeiro pelo seu especial sabor da lenda, magnificamente arquitetada na tradição, cheio de sentimento. O outro—os *Funeraes de Viriato*—não hesito em classificá-lo como as melhores paginas do livro.

E' uma agua forte, de Mestre, pintada com arte, com amor, com brilho descritivo, em tonalidades primorosas, cheias de luz, projectando-se como uma deslumbrante visão do Passado.

E todo o livro que Hipolito Raposo sub-intitula de *Lembranças da Terra e dos Homens*, é escrito em esplendido vernaculo, como um padrão purissimo com direito a figurar nas estantes genuinamente nacionais para ser lido por quem ainda gosta de lêr português,—autentico português de lei...

Crispim.

«Outro Mundo».

Do *Diario Nacional*, de 5 de Janeiro de 1918:

«Hipolito Raposo enriqueceu a literatura do nosso tempo com mais um volume de contos—*Outro mundo*. Hipolito Raposo tem um modo de fazer Arte muito diverso do nosso.

A' nossa Arte pura, Arte pela Arte, Hipolito Raposo opõe a sua Arte nacional, regional, imbuida de principios moraes ou politicos, religiosos ou sociais. As palavras, para nós, valem pela impressão musical que produzem, pela côr que sugerem, pela sensação estética que ocasionam; para Hipolito Raposo, valem pelas ideias que apresentam. Mas que importa esta diversidade de criterio estético, se Hipolito Raposo faz um livro com paginas emocionantes, com sentimento e com alma? Eu saio da minha Torre e entro no seu livro, e comovo-me com as paginas simples dos *Padroeiros*, e enterneço-me com as paginas carinhosas do *Santo Amador*. Bem estilisadas as *Lendas da Gardunha*: e ha grandeza epica na evocação dos *Funeraes de Viriato*.

Entre tanta tolice que para aí se publica, com pretenções a Arte original e decadente, a Arte pura, a Arte pela Arte, e o livro de Hipolito Raposo que pertence a uma Arte diversa da minha, eu não hesito,—vou pelo livro de Hipolito Raposo.»

Do *Noticias de Viana*, de 6 de Janeiro de 191[illegible]:

O nosso prezado amigo e correligionario Artur de Santiago Maciel, escreve a proposito do belo volume de Hipolito Raposo:

«Outro Mundo».

«Relembrar o tempo passado em que a Patria se engrandecia por feitos de seus filhos, seguir a esteira dos Avos-Maiores, é trabalhar proficuamente para o levantamento dum povo que se encontra decadente, porque uns outros filhos seus, mas filhos maus, lhe renegam a Tradição.

Sêr-se hoje tradicionalista em Portugal é têr-se na alma o verdadeiro culto da Patria.

E' sentir nas veias, ainda a correr, aquele sangue bendito que fez da Historia portuguesa um livro de heroismos, um missal de abnegações.

Tradicionalismo é, pois, patriotismo.

Tradicionalista tem de ser todo o portugués de sangue. E aquele que o não fôr, não será da boa gente que professa o culto da Familia, que não é mais que a veneração da Patria.

Porque da Patria, a Tradição é a imagem distinta.

E' aquela visão clara que nós temos do que fomos quando olhamos um brasão, no cimo dum portal, á beira dum caminho, mostrando ao longe o Portugal-Fidalgo de outrora, quando rezamos numa capela velhinha, que pelo povoado se diz ser do tempo dos mouros; e quando nos falam dos bons costumes antigos, quando nos contam as lendas da terra em que monges se tornaram santos, em que santos fizeram milagres, lendas de Amor e de Saudade, e ainda a sombra do Passado a animar-nos no Presente, para que o Futuro do Passado seja a imagem.

O culto da Região é uma das feições mais caracteristicas do tradicionalista.

Intimamente ligado á terra em que nasceu, á terra onde tem o Lar dos seus, aquela terra, mais que todas linda, onde a montanha fronteira lembra a romaria de agosto, em que moço por lá fôra, terra onde a fonte do Castinheiro enchia á tarde a cantarinha duma Maria que namorara, anos passados sobre o tempo que por aí brincava, intimamente ligado a tudo isto, que é tam seu forçosamente, tem de estar um espirito tradicional.

Espontaneamente tem de ama-la, e, porque ela é a sua terra, tem vontade de exalça-la, contando suas belezas áqueles que a desconhecem.

Assim fez Hipólito Raposo, *natural da provincia da Beira*, em seu livro «Outro Mundo», que vem de publicar-se.

Em todas aquelas paginas do escritor conhecido da «Coimbra Dautora» e do «Livro de Horas», encontrei ritmo e beleza.

E a sua forma, caracteristicamente individual, é deliciosamente ungida da maneira antiga.

Um livro a mais entre os melhores, que a geração de agora produz!

Bem haja ela!

E aqueles contos onde pulsa o coração da Beira, cheios de misticismo, formam um altar erigido á memoria do quarto avô do escritor «Domingos Vaz Raposo, devoto imaginário, edificador dos santos, que por sev bendito cinzel ainda hoje resplandecem em milagres entre as lyzes dos altares».

O culto dos Mortos, que é o culto da Tradição!

Santa Martha.
I-I-MCMXVIII.

O «Monte-Pio Geral», realiza com facilidade, a prazo e em ci corrente emprestimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1/2 0/0.

Contra a guerra

A «COMPANHIA GARANTIA» effetua seguros de GUERRA, bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Totta & C.ª, banqueiros R. Aurea, 68 a 75. Telef. n.º 1589 C.

Notas da Arcada

—Apesar dos desmentidos, confirma-se a noticia que démos em primeira mão ha tempos de que seriam dissolvidas as camaras municipaes, que como se sabe foi ontem resolvido em conselho de ministros.

—Tambem logo após a publicação do decreto que dissolvia o Parlamento, dissemos que os partidos democraticos e evolucionista, não querendo reconhecer essa dissolução que não concorrerão ás eleições.

Parece que se vai confirmando essa nossa informação.

—Todos os ministros teem recebido inumeras felicitações pelo malogro da contra-revolução.

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL

06, R. Augusta, 214

54, R. d'Assunção 56

Emprestimos sobrejoias, ouro, prata e papeis de credito. Juro maximo, 5 réi por cada 5 tostões.

Cofres para alugar nas casas fortes

Livros novos

Os Paradozos de Adéme, por Afonso de Bourbon e Menezes, prefacio de Julio Dantas. 1 vol. br. 400.

O Prestidigitador Moderno, por J. G. Oliveira, 3.ª edição, com 100 gravuras 5 br. 400, cart. 500. Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, R. Augusta, 44 a 54.